

# Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia

Thiago Bezerra Gomes<sup>1</sup> e Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira<sup>2,3</sup>

Recebido em 26/03/2012. Aceito em 25/06/2012

## RESUMO

(Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia). A contribuição dos povos afrodescendentes é de extrema importância para a formação da cultura brasileira. Esses povos são em parte representados pelas comunidades remanescentes de quilombos, que mantêm costumes e conhecimentos sobre utilização e manejo dos recursos vegetais. Esta pesquisa teve como objetivos inventariar as plantas medicinais utilizadas bem como medir a saliência cultural das mesmas, na comunidade Casinhas, município de Jeremoabo, estado da Bahia, localizada numa região de Caatinga. Para coleta dos dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com sete pessoas reconhecidas pela comunidade como os maiores detentores do conhecimento sobre plantas. Os resultados indicam que 87 espécies são utilizadas na medicina tradicional local, merecendo destaque *Poincianella pyramidalis* (catingueira), que apresentou maior frequência de citação e maior valor de saliência. O sistema digestório teve o maior número de indicações de plantas relacionadas às suas afecções (21 espécies); as folhas (36%) e as cascas (30%) foram as partes mais citadas nas indicações terapêuticas; o chá foi a forma de uso mais indicada (49%). A comunidade estudada depende diretamente dos recursos vegetais para suas práticas de cura. Os resultados dessa pesquisa podem servir como base para bioprospecção bem como subsídio para seleção de espécies da caatinga prioritárias para estudos posteriores de ecologia de populações, visando o seu uso e manejo sustentável.

**Palavras-chave:** Caatinga, comunidades negras, índice de saliência

## ABSTRACT

(The use and diversity of medicinal plants in a quilombola community in Raso da Catarina, Bahia). Contributions from Afro-descendant peoples have been hugely important in the formation of Brazilian culture. These peoples are partly represented by remnant quilombo communities, which maintain their habits and knowledge about the use and management of plant resources. This research aimed to inventory the medicinal plants used, and to measure the cultural salience of these plants in the Casinhas community of the Jeremoabo municipality, in the state of Bahia (which is situated in a caatinga region). For data collection, we conducted semi-structured interviews with seven people recognized by the community as having the most knowledge about plants. The results indicate that 87 species are used in traditional local medicine, with an emphasis on *Poincianella pyramidalis* (catingueira), which had the greatest citation frequency and the greatest salience. Diseases of the digestive system had the most plant indications (21 species), leaves (36%) and bark (30%) were the plant parts most often cited for therapeutic use, and tea was the most frequently indicated mode of use (49%). The studied community depends directly on plant resources for their curing practices. The results of this research may serve as a basis for bioprospecting and may also be of benefit in the selection of priority caatinga species for future studies about the ecology of populations, aimed at their sustainable use and management.

**Key words:** Afro-Brazilian community, Caatinga, salience index

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Paulo Afonso, BA, Brasil

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Núcleo de Pesquisa em Ambiente Sociedade e Sustentabilidade, Feira de Santana, BA, Brasil

<sup>3</sup> Autor para Correspondência: fpbandeira@gmail.com

## Introdução

A Etnobotânica é definida como o estudo das interações, ecológicas, evolucionárias e simbólicas das sociedades humanas, passadas e presentes, com as plantas (Alexiades 1996; Albuquerque 2005). Os estudos realizados nessa área são de alta relevância científica, econômica e social e têm mostrado sua importância para a conservação e manejo da vegetação nas regiões tropicais, especialmente no Brasil, uma vez que seu território abriga uma das floras mais ricas do planeta, da qual 99% são desconhecidas quimicamente (Gottlieb *et al.* 1998; Simões *et al.* 1998) aliado ao fato de que o país apresenta uma alta diversidade cultural (Toledo 2001).

Dentre os diversos povos e comunidades tradicionais presentes no território nacional, a região nordeste, sobretudo a Bahia, apresenta o maior número de comunidades quilombolas em todo o Brasil (Anjos, 2000), porém há poucos estudos desenvolvidos sobre essas comunidades, inclusive trabalhos de etnobotânica. (Albuquerque 2001; Franco & Barros 2006; Monteles & Pinheiro 2007; Vieira *et al.* 2008; Guimarães 2009; Almeida & Bandeira 2010).

Muitos foram os povos africanos importados no sistema escravista do século XVI, durante o período de colonização das Américas. Esse sistema teve particularidades substanciais no Brasil em relação ao resto do continente americano, uma vez que a sociedade escravista conseguiu se estabilizar e se desenvolver nessa região, verificando-se a continuidade de importação de escravos por muitos séculos. Conforme assinalado por Schmitt *et al.* (2002), os grupos hoje considerados remanescentes de comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, desde movimentos insurrecionais, heranças, doações, recebimento e compra efetiva de terras ou pela simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior dos latifúndios, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua derrocada.

Vale ressaltar que os povos africanos não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava, eles têm marcado decisivamente a nossa formação social e cultural, e as diversas configurações socioculturais afrobrasileiras têm sido preservadas e recriadas, a despeito das políticas contrárias a sua permanência (Anjos, 2000). Ainda assim, a sociedade nacional tem se referido aos quilombos sempre no passado, como se estes não fizessem mais parte da vida do país. Os registros do conhecimento tradicional das comunidades negras no Brasil ainda são escassos, porém, muitas dessas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como práticas agrícolas, de cuidado da saúde física e espiritual, práticas religiosas bem como técnicas de mineração, arquitetura e construção, além do artesanato, da culinária, de relações comunitárias de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural (Anjos, 2000). Enfatiza-se a importância, nesse contexto, da realização de estudos desses saberes e da relação dessas comunidades com o meio ambiente.

Falando especificamente sobre o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, vale ressaltar que esses conhecimentos vêm sofrendo ameaças constantes para sua manutenção, devido à influência direta da medicina moderna e pelo desinteresse dos jovens das comunidades, interrompendo assim o processo de transmissão de saberes entre as gerações (Amorozo 1996). Desse modo, o presente estudo teve como principal objetivo inventariar as plantas utilizadas na medicina tradicional de uma comunidade quilombola, no Raso da Catarina, pertencente ao Bioma Caatinga, e assim, estabelecer bases para a proteção e valorização desse conhecimento.

## Material e métodos

### Área de estudo

O município de Jeremoabo está situado no Nordeste do estado da Bahia, distando 370 km da capital do Estado. Seu nome tem origem tupi e significa “plantação de abóbora” (<http://www.jeremoabo.com.br/informacoes/historia>). Possui uma área de 4.788,4 km<sup>2</sup>, com altitude de 275,7 m; clima semi-árido com chuvas de maio a julho e alto risco de seca, sendo a temperatura média anual de 24 °C. A economia está baseada na agricultura, pecuária e avicultura. A população do município tem cerca de 40.000 habitantes (IBGE, 2008). Tornou-se Vila pelo decreto de 25 de outubro de 1831, passando a condição de cidade no ano de 1925, pelo decreto nº. 1775 de 06 de julho de 1925.

A área é coberta por uma vegetação do tipo caatinga que não se apresenta homogênea, mas como um mosaico descontínuo, com predominância de vegetação de aspecto arbóreo aberto, às vezes mais denso ou mais rarefeito e de menor porte (PDRS 2000), apresenta também áreas de contato entre cerrado-caatinga-floresta estacional, contato cerrado-caatinga, caatinga arbórea sem palmeiras, caatinga arbórea densa sem palmeiras, caatinga arbórea aberta com palmeiras (CEI 1994). Parte importante do município de Jeremoabo está inserida na Estação Ecológica do Raso da Catarina (ESEC). A Estação Ecológica Raso da Catarina situa-se à margem esquerda do rio Vaza Barris e à margem direita do Rio São Francisco, abrangendo uma área de 105.282,00 ha (IBAMA, 2005), e estende-se sob as coordenadas 09°33' -09°54' S, 38°29' -38°44' W. A ESEC encontra-se assentada sobre uma bacia sedimentar no domínio das Caatingas, exibindo fisionomia arbórea, arbustiva e arbustivo-arbórea, raramente ocorrendo matas isoladas (IBAMA, 2005). De acordo com o Ministério do Meio Ambiente-MMA (2002) a ESEC Raso da Catarina é uma área altamente prioritária para conservação.

Caracterização da comunidade - A comunidade quilombola de Casinhas está localizada na BR 110, a 36 km de distância da sede e tem aproximadamente 80 famílias (300 pessoas). De acordo com a história oral do lugar, os moradores que hoje vivem em Casinhas são remanescentes daqueles que vieram

fugidos do trabalho escravo e dos grandes coronéis. Ao chegarem, eles construíram algumas “casinhas” para se abrigarem, daí originou-se o nome da comunidade. Durante a pesquisa, a comunidade passava por um processo de reconhecimento como quilombola, porém Casinhas já havia sido identificada por Anjos (2000) durante a realização da primeira configuração espacial dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil. No dia 06/07/2010, a comunidade foi oficialmente reconhecida pela Fundação Palmares (Código do IBGE – 2018100). A comunidade possui uma escola de ensino fundamental – 1º Ciclo. Também possui associação comunitária. A festa mais importante que realizam é a do Padroeiro São Jerônimo. Casinhas é a comunidade do município de Jeremoabo que dispõe da maior quantidade de fontes de água: além das quatro nascentes das quais ainda brotam água, há também um riacho, “barreiros” (depressões no solo onde se acumulam água da chuva), açude e alguns poços de água doce. O atendimento médico é precário e quando os moradores necessitam de assistência recorrem aos postos de saúde da rede pública existentes na sede municipal e em outros municípios vizinhos. Diante desse cenário, o uso de plantas medicinais pela comunidade para tratar suas doenças se constitui em uma das poucas alternativas de promoção da saúde.

#### Coleta e análise de dados

As primeiras visitas tiveram como principal objetivo conhecer a comunidade, estabelecer o contato inicial com os moradores e identificar seus hábitos e modo de vida. Juntamente com a associação de moradores e lideranças comunitárias se caracterizou a área de estudo. Durante esse período de reconhecimento foram estabelecidos contatos prévios com as famílias para esclarecimento dos objetivos da pesquisa. Foram realizadas sete visitas, com duração de quatro dias cada, no período entre janeiro de 2009 e julho de 2010.

A coleta dos dados foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, nas quais se interrogou sobre as plantas reconhecidas para o tratamento de enfermidades e manutenção da saúde, formas de uso e partes da planta utilizadas bem como a indicação terapêutica e local de obtenção. As indicações foram agrupadas com base na classificação das doenças proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS 2000); as doenças ou estados que não puderam ser incluídos nesta classificação geral foram agrupados na categoria “doenças culturais” ou “outros”.

Para a seleção dos entrevistados que participaram desta pesquisa, utilizou-se a técnica “bola de neve” (ou “Snow ball”) (Bailey 1994), buscando aqueles moradores que fossem os mais antigos da comunidade e que possuíssem amplo conhecimento acerca da utilização de plantas medicinais. Foram identificados sete moradores, reconhecidos pela comunidade como os conhecedores locais detentores do maior acervo de conhecimento etnobotânico, colaboradores dessa pesquisa, sendo quatro homens e três mulheres.

Durante a realização das entrevistas se pediu aos entrevistados que listassem as plantas de acordo com a sua

importância. A lista livre obtida permitiu buscar informações específicas sobre um domínio cultural da comunidade estudada (Bernard 1988; Weller & Romney 1988). Esta lista inclui desse modo, as espécies culturalmente relevantes, pois faz inferências sobre a estrutura cognitiva do informante a partir da ordem em que o mesmo recorda-se e coloca os elementos em dada ordem. A partir da ordenação das espécies feita por cada informante, os dados foram convertidos em um *ranking invertido* (onde o último item de cada lista recebeu o valor igual a 1, o penúltimo igual a 2 e assim sucessivamente até o primeiro item de cada lista) e divididos pelo número total de itens em cada lista livre, atribuindo-se um Valor de Saliência (S) para cada item. Para tabulação dos dados utilizou-se o programa ANTROPAC 4.0 (Borgatti 1992), que calcula o somatório de saliência das espécies em comum de todas as listas livres ( $\Sigma$  de S) e o valor médio de saliência da totalidade dos dados ( $\Sigma$  de S/n, onde n=7). Tal método permite analisar quais espécies são mais salientes, ou seja, as mais importantes e reconhecidas pelos informantes-chaves, além de identificar a variação no conhecimento sobre o domínio estudado (Quinlan 2005).

Após a realização das entrevistas foram realizadas visitas trimestrais à comunidade para coleta de material botânico com o auxílio dos colaboradores locais para o reconhecimento das espécies *in loco*. As amostras foram coletadas e processadas de acordo com a metodologia proposta por Mori *et al.* (1989). O material foi depositado no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) e identificado com ajuda de especialistas ou por meio de comparação com exsiccatas. O sistema adotado para a classificação das famílias botânicas foi o APG III (2009).

## Resultados e discussão

Os sete entrevistados citaram 90 nomes vernaculares de plantas, que são potencialmente utilizadas como medicinais na comunidade de Casinhas, que correspondem a 87 espécies. As famílias que apresentaram maior número de espécies foram Fabaceae (11 espécies), Asteraceae (seis espécies), Anacardiaceae (cinco espécies), seguidas por Euphorbiaceae, Lamiaceae, Caesalpinaceae, Mimosaceae e Poaceae, estas últimas, todas com quatro espécies. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos realizados na região Nordeste do Brasil (Almeida & Albuquerque 2002; Teixeira & Melo 2006; Albuquerque & Andrade 2002; Albuquerque 2009). Os dados referentes aos recursos vegetais utilizados para fins medicinais estão sistematizados na Tabela 1.

Entre as espécies identificadas como medicinais pela comunidade destacam-se as árvores como o hábito de crescimento mais representativo (39 espécies), mas o número de espécies herbáceas também se mostra bastante expressivo (20 espécies). Aparecem na seqüência os arbustos (13), subarbustos (7) e trepadeiras (4), indicando a importância dos diversos estratos da vegetação nas práticas terapêuticas locais.

**Tabela 1.** Espécies citadas pelos entrevistados da comunidade quilombola de Casinhas, Jeremoabo, Ba, com seus respectivos dados etnobotânicos.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
<b>Acantaceae</b>								
Abre Caminho	Indeterminada 01	14,3	Arbusto	Quintal	Chá	Folha	Olhado	171215
<b>Alliaceae</b>								
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	14,3	Erva	Quintal	Inalação	Raiz	Dor de cabeça	171206
<b>Amaranthaceae</b>								
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	41,9	Erva	Quintal	Chá; Uso tópico	Folha	Verme; Inflamações; Fraturas; Pancada	171155
Novalgina	<i>Pilea glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	14,3	Arbusto	Mata; quintal;	Chá	Folha	Figado	171201
<b>Anacardiaceae</b>								
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolium</i> Raddi	85,7	Árvore	Mata	Chá; Banho; Maceração	Casca; Folha	Inflamação no útero; Garganta; Afina o sangue; Infecções; Conjuntivite	171217
Brauna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.	42,9	Árvore	Mata	Maceração; Chá; Xarope	Casca	Próstata; Afina o sangue; Ossos; Gripe	171210
Cajarana	<i>Spondias</i> sp.	14,3	Árvore	Área de cultivo	Uso tópico	Folha	Mordida de cobra	171229
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	42,9	Árvore	Área de Cultivo	Maceração; Banho; Chá; Xarope	Casca	Infecções no útero; Ferimentos; Gripe; Dor de barriga	171170
Manga-espada	<i>Mangifera indica</i> L.	14,3	Árvore	Área de cultivo; quintal	Chá	Folha	Febre; Dor de barriga	171158
<b>Annonaceae</b>								
Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	14,3	Árvore	Área de cultivo; quintal	Chá	Folha	Garganta	171180
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	14,3	Árvore	Área de cultivo; quintal	Chá	Folha	Câncer; Dor de urina;	171177
<b>Apiaceae</b>								
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	14,3	Erva	Quintal	Chá; Banho	Semente	Mal olhado	171160

Continua

Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
<b>Apocynaceae</b>								
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	28,6	Árvore	Área de cultivo; mata	Ingestão; Uso tópico	Fruto; Latex	Pancada; Rebenção	171143
Pereiro	<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart.	14,3	Árvore	Mata	Chá	folha	Garganta	
<b>Areaceae</b>								
Licuri	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	14,3	Árvore	Área de cultivo; mata	Chá	Flor	Gripe	171146
<b>Asphodelaceae</b>								
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm f.	42,9	Erva	Quintal	Chá	Folha	Verme; "Fastiu"; Inflamações; Problema nas "juntas"	
<b>Asteraceae</b>								
Anador	Indeterminada 02	14,3	Erva	Área de cultivo; quintal	Chá	Folha	Gripe; Hemorragia	
Artemígio	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	14,3	Erva	Área de cultivo; quintal	Chá	Casca	Dor na urina	171222
<b>Candéia</b>								
	<i>Gochmatia oligocephala</i> (Gardner) Cabrena	71,4	Árvore	Mata	Chá; Banho; Outros	Casca; Folha	Comida que faz mal; Verme; Dores; Mal olhado; Dor de barriga; Gastrite	171145
<b>Girassol/Mirassol</b>								
	<i>Helianthus annuus</i> L.	28,6	Erva	Quintal	Chá; Banho; Inalação	Semente	Bom pra tudo; Mal do vento	
<b>Juiz-de-paz</b>								
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	14,3	Erva	Mata	Chá	Folha	Comida que fez mal	171216
<b>Losma</b>								
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	14,3	Subarbusto	Quintal	Chá	Folha	Cólicas; Abortivo	
<b>Bignoniaceae</b>								
<b>Craibeira</b>								
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	14,3	Árvore	Mata	Maceração	Casca	Dores na coluna; Afina o sangue	
<b>Pau-darco</b>								
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> Mattos	42,9	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Casca	Asma; Ovário; DST; Sangue; Ossos; Fortificante	171205

Continua

Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
<b>Burseraceae</b>								
Imburana	<i>Commiphora leptopoleos</i> (Mart.) J.B. Gillett	28,6	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Casca	Dor de barriga; Afina o sangue; Hemorróidas	171137
Imburana-branca	Indeterminada 02	14,3	Árvore	Mata	Banho	Casca	Inflamações no útero	171183
Mescla	<i>Protium heptaphyllum</i> March.	14,3	Árvore	Mata	Chá; Inalação	Casca	Mal do vento; Congestão	
<b>Cactaceae</b>								
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	14,3	Arbusto	Mata	Chá	Raiz	Gripe	
<b>Caricaceae</b>								
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	14,3	Árvore	Área de cultivo; quintal	Chá	Folha	Comida que fez mal	171147
<b>Celastraceae</b>								
Pau-colher	<i>Maytenus</i> sp.	28,6	Arbusto	Mata	Chá; Banho; Maceração	Casca	Inflamações; Ferimentos	171208
<b>Convovulaceae</b>								
Roda-de-batata	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	14,3	Trepadeira	Área de cultivo	Chá	Raiz	Comida que fez mal	171213
<b>Cucurbitaceae</b>								
São-Caetano	<i>Momordia charantia</i> L.	28,6	Trepadeira	Mata	Banho; Chá	Folha	Cocceira na pele; Dores; Cansaço; Verme; Tontura	171175
<b>Euphorbiaceae</b>								
Favela	<i>Cnidioscolus phyllacanthus</i> (Müll. Arg.) Pax & L. Hoffm.	28,6	Árvore	Mata	Maceração; Chá	Raiz; Casca	Fraturas; Pancadas	171219
Pinhão	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	14,3	Arbusto	Área de cultivo; quintal	Banho	Folha	Mal olhado	171135
Quebra-facão	<i>Croton</i> sp.	28,6	Árvore	Mata	Maceração; Ingestão	Casca	"Quebra as coisas do mal"; Mal olhado; Gripe	171228
Velande/ Milome	<i>Croton heliotropifolius</i> Kunth.	85,7	Arbusto	Mata	Chá; Uso tópico	Raiz; Folha	Dor de barriga; Gripe; "Coisas do ar"; Febre; Dor de cabeça	171141

Continua

Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
<b>Fabaceae</b>								
Angico	<i>Anadenanthera columbriana</i> (Vell.) Brenan	42,9	Árvore	Mata	Chá; Xarope	Casca	Gripe; Asma	171140
Arcaçuiz	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	14,3	Árvore	Mata	Chá	Raiz	Gripe	171209
Caatingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tull) L.P. Queiroz	100	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Folha; Casca; Flor; Raiz	Dor de barriga; Inflamações no fígado; Comida que faz mal; Diarréia; Infecções; Sapinho	171136
Comadema	<i>Andira humilis</i> Mart. ex. Benth.	14,3	Arbusto	Mata	Chá	Raiz	Verme	171218
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	14,3	Subarbusto	Área de cultivo; mata	Chá; Banho	Fruto; Folha	Dor de barriga	171162
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	42,9	Árvore	Mata	Xarope; Inalação; Chá	Casca	Gripe; "Catarro"; Mal olhado; "Coisas do ar"	171190
Jiquirizeiro/ Calumbi-de-boi	<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth.) Benth.	28,6	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Raiz	Infarto; Coração, Inflamações; Dor na coluna; Próstata	171221
Jurema-preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	14,3	Árvore	Mata	Uso tópico; Chá	Casca	Ferimentos	171138
Mororó	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth. in Mart	14,3	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Flor; Casca	Dor de barriga	171165
Sucupira	<i>Bowdichia virgiloides</i> Kunth	14,3	Árvore	Mata	Maceração; Chá	Casca	Adina o sangue	171144
Unha-de-gato	<i>Piptadenia stipulaca</i> (Benth.) Ducke	14,3	Árvore	Mata	Chá; Banho	Casca; Raiz	Gastrite; Banho de assento	171224
<b>Krameriaceae</b>								
Carrapicho-de-ovelha	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	14,3	Arbusto	Mata	Maceração, Uso tópico	Folha	Infecções; Carções na pele;	171176
<b>Lamiaceae</b>								
Hortelã-graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour) Spreng.	28,6	Erva	Quintal	Chá; Xarope	Folha	Gripe; Hemorragias; Cólicas; Anemia	171202

Continua



Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
Hortelã-miúdo	<i>Mentha pulegium</i> L.	57,1	Erva	Quintal	Chá; Xarope	Folha	Dor de Barriga; "Pancada"; Verme; Gripe; Hemorragia; Anemia	171197
Mangericão	<i>Ocimum basilicum</i> L.	28,6	Subarbusto	Quintal	Chá; Uso tópico	Folha	Asma; Gripe; Dor de ouvido	171184
Samba-caetá	<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit	28,6	Subarbusto	Mata; quintal	Chá; Banho	Folha	Inflamação; Ferimentos	171161
Lytracae								
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	14,3	Árvore	Quintal	Chá; Ingestão	Fruto	Garganta	
Malpighiaceae								
Murici	<i>Byrsonima vacciniifolia</i> A. Juss.	14,3	Árvore	Mata	Chá	Casca	Inflamações; Gastrite	171142
Salsa-caroba	<i>Stigmaphyllon paralias</i> A. Juss.	14,3	Arbusto	Mata				171193
<b>Melastomataceae</b>								
Barbatemão	<i>Miconia ferruginata</i> DC.	28,6	Árvore	Mata	Chá; Banho; Maceração	Casca; Folha	Inflamações; Ferimentos	171182
Meliaceae								
Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	28,6	Árvore	Mata	Inalação; Banho	Folha; Casca	Derrame; Congestão; Febre; Dor de cabeça	171153
<b>Musaceae</b>								
Banana-verde	<i>Musa paradisiaca</i> L.	14,3	Erva	Quintal	Chá	Fruto	Dor de barriga	171179
<b>Myrtaceae</b>								
Araçá-de-moça	<i>Eugenia</i> sp.	28,6	Árvore	Mata	Chá	Folha; Casca; Fruto	Dor de Barriga; Diarréia	171211
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	14,3	Árvore	Área de cultivo; quintal	Chá	Casca; Folha; Fruto	Dor de Barriga	171154
<b>Nyctaginaceae</b>								
Bandola	<i>Pisonia laxa</i> Netto	28,6		Mata	Maceração; Chá	Casca	Tira resto de parto; Diminui o fluxo menstrual	171203
Pega-pinto	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	14,3	Erva	Área de cultivo; mata	Chá; Ingestão	Raiz	Infecção urinária;	171134

Continua



Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
<b>Passifloraceae</b>								
Maracujá-bravo	<i>Passiflora</i> sp.	14,3	Trepadeira	Mata	Chá; Ingestão	Folha; Fruto	Calmante	171181
Maracujá-manso	<i>Passiflora cédulis</i> Sims.	14,3	Trepadeira	Área de cultivo; quintal	Chá; Ingestão	Folha; Fruto	Calmante	
Phyllanthaceae								
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	14,3	Erva	Área de cultivo; mata	Maceração; Chá	Folha	Vesícula; Pedra nos rins	171157
<b>Phytolaccaceae</b>								
Cambambá/ Guinezinha	<i>Petiveria alliacea</i> L.	14,3	Erva	Área de cultivo; quintal	Chá; Maceração	Folha; Casca	Congestão; Dor na coluna	171150
<b>Poaceae</b>								
Cana-caiana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	14,3	Arbusto	Área de cultivo	Chá	Folha	Coração acelerado	
Capim-açu	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	14,3	Erva	Mata	Uso tópico	Folha	Ferimentos	171172
Capim-cabóclo	<i>Paspalum</i> sp.	14,3	Erva	Mata	Chá	Flor	Dor de urina	171167
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	28,6	Erva	Quintal	Chá	Folha	Dor de barriga; "Tudo"; Pressão	
<b>Rhamnaceae</b>								
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart	14,3	Árvore	Mata	Chá	Casca	Gripe; Asma; Gazes	171151
<b>Rubiaceae</b>								
Jenipapo-do-mato	<i>Gentipa</i> sp.	14,3	Árvore	Mata	Uso tópico	Casca	Dores na "junta"; Ossos	171226
Quina-quina	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch.	28,6	Árvore	Mata	Chá; Banho	Casca; Folha	Afina o sangue; Desce mesnruação; Dores	
<b>Rutaceae</b>								
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	28,6	Subarbusto	Quintal	Chá; Uso tópico	Folha	Congestão; Mal olhado; Dor de ouvido	171200
Bom-pra-tudo	<i>Zanthoxylum</i> sp.	14,3	Árvore	Mata	Chá	Casca	Inflamações no fígado;	
<b>Sapotaceae</b>								

Continua

Tabela 1. Continuação.

Família/Nome vernáculo	Espécie	Frequência de citação (%)	Hábito	Local de obtenção	Forma de Uso	Parte Utilizada	Indicação terapêutica	Registro no HUEFS
Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Sch.) T.D.Penn.	28,6	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Casca	Pancada	171204
<b>Selaginellaceae</b>								
Jericó	<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	14,3		Mata	Maceração	Folha	Sarna; Afina o sangue;	171227
<b>Solanaceae</b>								
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	71,4	Arbusto	Mata	Chá; Ingestão; Outros	Fruto; Semente	Gripe; Inflamações no fígado; Tuberculose; Gastrite	171133
Manacá	<i>Bravaisia uniflora</i> (Pohl) D. Don	14,3	Arbusto	Mata	Banho; Maceração	Casca	Caroço na pele; DST;	171223
Zabumbá	<i>Physalis</i> sp.	14,3	Subarbusto	Mata	Chá	Flor	Asma	171174
<b>Verbenaceae</b>								
Alecrim	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauer	42,9	Arbusto	Mata	Chá; Banho	Folha	Gripe; Tosse; Cansaço; Nariz entupido; Febre; Reumatismo	171195
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	42,9	Subarbusto	Quintal	Chá	Folha	Dor de barriga; "Tudo"; Pressão; Barriga inchada; Comida que faz mal; Calmante; Cólicas	171185
<b>Violaceae</b>								
Pulga-do-campo	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	28,6	Erva	Mata	Chá	Raiz	Gripe, "Catarro"; Congestão; Dor de barriga	171225
<b>Vitaceae</b>								
Parreira	<i>Cissus simsiana</i> Schult. & Schult.f.	28,6	Árvore	Mata	Chá; Maceração	Raiz	Tirar resto de parto	171152
Endio	Indeterminada 03	14,3	Erva	Área de cultivo	Chá; Banho	Semente	Mal olhado	
Maria-da-costa	Indeterminada 04	14,3	Erva	Mata	Chá	Casca	Infecção urinária	
Pau-de-rapoza	Indeterminada 05	14,3	Arbusto	Mata	Maceração	Raiz	Nervos	

A espécie mais citada pelos colaboradores foi a catingueira (*Poincianella pyramidalis*), sendo indicada por 100% dos informantes, seguida pela aroeira (*Schinus terebinthifolium*) e o velande (*Croton heliotropiifolius*), indicadas por 86% dos informantes; candeia (*Gochmata oligocephala*) e jurubeba (*Solanum paniculatum*) citadas por 71%; hortelã miúdo (*Mentha pulegium*) citada por 57% dos informantes; alecrim (*Lippia thymoides*), angico (*Anadenanthera columbrina*), babosa (*Aloe vera*), braúna (*Schinopsis brasiliensis*), cajueiro (*Anacardium occidentale*), erva cidreira (*Lippia alba*), jatobá (*Hymenaea coubaril*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e pau d'arco (*Handroanthus impetiginosus*) foram citadas por 43% dos informantes. Analisando-se os dados observa-se que apenas a catingueira foi citada por todos informantes e que há poucas espécies (seis) citadas por mais de 50% dos informantes, por outro lado, a grande maioria das espécies é citada por dois ou apenas um informante. Isso significa que há, em relação ao conhecimento sobre o potencial medicinal das espécies utilizadas no povoado Casinhas, uma forte variação idiossincrática, em outras palavras, um grupo básico de plantas é lembrado ou reconhecido, não necessariamente mais utilizado, como medicinal pela maior parte dos entrevistados enquanto a maioria das plantas tem uma baixa frequência de citação. Quanto ao local de obtenção das plantas, verificou-se que 55% das espécies citadas são encontradas na mata, 26% são encontradas nos quintais e 19% em áreas de cultivo. Desse modo, uma pequena parte das espécies listadas pelos informantes é cultivada nos quintais ou nas áreas de plantio (roças) e a grande maioria é retirada das capoeiras ou tabuleiro (mata secundária próxima ao povoado), local onde se encontra grande diversidade de espécies arbóreas e nativas com grande importância para o uso e conservação

das espécies nativas do bioma Caatinga (Albuquerque & Andrade 2002).

A maioria das espécies foi indicada para doenças do sistema digestório, infecções e doenças do sistema respiratório. Resultados semelhantes foram encontrados em trabalhos realizados na região nordeste do Brasil (Monteles & Pinheiro 2007), mais especificamente em áreas de Caatinga (Albuquerque *et al.* 2007; Albuquerque *et al.* 2006) bem como em outras regiões do Brasil (Amoroza 2002; Silva-Almeida & Amoroza 1998; Hanazaki *et al.* 1996). Almeida & Albuquerque (2002) afirmam que os dados obtidos em pesquisas dessa natureza estão diretamente relacionados à maioria dos casos de doenças na população. No estudo em questão, isso pode ser corroborado por comunicação pessoal da agente comunitária, membro do serviço de saúde local, ao informar que as doenças mais prevalentes na comunidade de Casinhas são: verminose, diarreia e falta de ar. Esse possível quadro epidemiológico reflete principalmente a ausência do Estado, refletido na de falta de políticas públicas voltadas para o saneamento básico, pois apesar da maioria das casas possuírem água encanada, não há nenhuma infra-estrutura para o tratamento da água que possibilite seu consumo seguro para a saúde bem como não há descarte adequado dos resíduos sólidos e efluentes domésticos. Tal quadro também pode estar relacionado, porém em menor intensidade, a questões culturais e educacionais relativas aos cuidados com a higiene pessoal nas zonas rurais.

Dentre as espécies citadas, o velande (*Croton heliotropiifolius*) foi a espécie de maior versatilidade, pois atende a cinco sistemas corporais: sistema digestório, infecções, sistema nervoso, sistema respiratório e doenças culturais. Em seguida, estão a aroeira (*Schinus terebinthifolium*), a braúna (*Schinopsis brasiliensis*), o cajueiro (*Anacardium occidentale*), o hortelã-

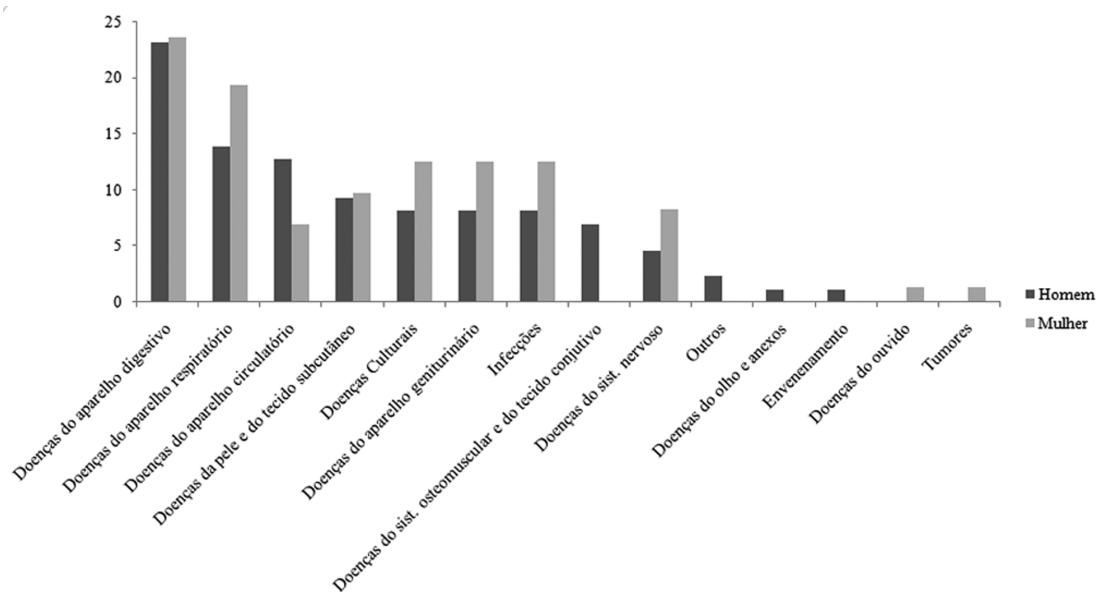


Figura 1. Número de espécies citadas por gênero para diferentes sistemas corporais, na comunidade Casinhas, Jeremoabo, BA.

-miúdo (*Mentha pulegium*), o pau d'arco (*Handroanthus impetiginosus*) e o jiquirizeiro (*Piptadenia viridiflora*), com indicações para quatro sistemas. Dez espécies são indicadas para três sistemas, dezoito espécies para dois sistemas e as demais espécies apresentaram indicação para um único sistema corporal. É relevante destacar a indicação de espécies que são utilizadas em rituais de origem africana, pois apesar dos moradores da comunidade seguirem a religião católica ou protestante, tal prática ainda se mostra fortemente presente no cotidiano, como as rezas para a cura de doenças, “livramento do mal” e outras doenças “espirituais”.

Quanto ao domínio do conhecimento e a questão de gênero, pode-se inferir que as mulheres tendem a demonstrar um maior conhecimento acerca da utilização das plantas medicinais do que os homens. Como pode ser visualizado na figura 1, as mulheres citaram um maior número de plantas medicinais para o tratamento de doenças que acometem mais de 50% dos sistemas corporais referidos pelos entrevistados. Isso pode ser explicado porque as mesmas além dos cuidados com a casa, são lavradoras, mães e esposas, sendo responsáveis pelas estratégias de manutenção da saúde da família. Vale ainda ressaltar que, no que diz respeito às indicações terapêuticas na comunidade de Casinhas, existe uma ética, um respeito cultural às diferenças de conhecimento entre gêneros, de modo que os homens têm receio de indicar aquelas plantas que estão relacionadas às afecções femininas e vice-versa.

Ao analisar as indicações feitas nas entrevistas pelos homens e pelas mulheres de forma isolada, observa-se que algumas plantas como bandola (*Pisonia laxa*), losma (*Artemisia absinthium*), maria da costa (indeterminada 04), parreira (*Cissus simsiana*) e unha de gato (*Piptadenia stipulaca*) estão apenas relacionadas a problemas exclusivamente femininos, tais como: “descer menstruação”, “tirar resto de parto”, “banho de acento”, cólicas, abortivos e foram indicadas apenas por mulheres. Franco & Barros (2006) ao estudarem o quilombo Olho D'água dos Pires, no estado do Piauí, também obtiveram resultados similares. Já o artemígio (*Artemisia vulgaris*), a braúna (*Schinopsis brasiliensis*) e o calumbi de boi (*Piptadenia viridiflora*) foram citadas apenas por homens tendo sido indicadas para dores na próstata e dores ao urinar. Esse resultado revela também que existem diferenças de gênero na escolha das plantas, e esse padrão está relacionado às particularidades das atividades produtivas realizadas por homens e mulheres (Almeida & Bandeira, 2010). Nas comunidades que estudaram Amorozo (1996) bem como Borba & Macedo (2006) também observaram esse comportamento em relação ao domínio cognitivo entre os gêneros sobre o conhecimento de plantas. Na comunidade de Casinhas houve resistência para obter tais informações durante conversas informais, pois quando argüidos sobre o assunto, os entrevistados desconversam e pediam para procurar alguém do sexo oposto.

As folhas e as cascas são as partes mais citadas no preparo dos remédios caseiros, sendo referenciadas para 36% e 30%

dos usos, respectivamente. Resultados semelhantes foram encontrados por Franco & Barros (2006) no quilombo Olho D'água dos Pires – PI; em Santo Antônio do Leveger – MT por Amorozo (2002) e no Cariri Paraibano por Agra *et al.* (2007). Em se tratando de Caatinga, alguns estudos relatam que a casca apresenta a maior porcentagem de citações (Albuquerque & Andrade, 2002; Almeida & Albuquerque 2002), isso é parcialmente explicado porque esta é uma das partes das plantas disponível ao longo de todo o ano. Gomes (2008) afirma que a utilização da casca é um dado preocupante, pois, se feita de forma insustentável, tal prática colocará em risco as populações das espécies, principalmente se forem nativas. Em Casinhas, no período de estiagem, a disponibilidade das folhas das plantas nativas é escassa, sendo priorizada a utilização da casca das árvores, enquanto no período chuvoso estão disponíveis tanto as espécies herbáceas quanto as folhas das espécies lenhosas. Assim há uma oferta de recursos vegetais diferenciada durante o ano. Esta disponibilidade diferenciada pode ajudar a reduzir a pressão de coleta ao longo do ano das mesmas partes da planta. Além disso, na comunidade estudada a maioria das espécies, incluindo as ervas, recebem as mesmas indicações terapêuticas, desse modo pode haver uma alternância na escolha do recurso a ser utilizado, amenizando a pressão de coleta sobre um pequeno número de espécies. Foram citadas sete formas de preparo para as espécies utilizadas, sendo o chá é a forma mais utilizada pelos moradores da comunidade, correspondendo a 51% das citações, seguida pela maceração com 17% das citações. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos em um quilombo maranhense (Monteles & Pinheiro 2007).

O valor de saliência das espécies utilizadas como medicinais no povoado Casinhas variou entre 0,09e 0,65. As dez espécies que tiveram maior valor de saliência cultural, em ordem decrescente, foram: catingueira (*Poincianella pyramidalis* – 0,65), aroeira (*Schinus terebinthifolius* – 0,58), candeia (*Gochinatia oligocephala* – 0,45), jurubeba (*Solanum paniculatum* – 0,37), erva cidreira *Lippia alba*– 0,36), hortelã miúdo (*Mentha pulegium* – 0,35), cajueiro (*Anacardium occidentale* – 0,32), milome (*Croton heliotropiifolius* – 0,29), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* – 0,25) e jatobá (*Hymenaea courbaril* – 0,25). Almeida & Bandeira (2010) em um estudo etnobotânico da comunidade de Casinhas, identificaram as espécies que tinham o maior valor local para a comunidade, considerando todos os tipos de usos. Das dez espécies que apresentaram maiores valores locais no estudo citado cinco apresentaram maior índice de saliência para este estudo. Observa-se ainda que aproximadamente 50% das espécies inventariadas por Almeida & Bandeira (2010) estão inseridas na presente pesquisa, mostrando que há uma plasticidade no uso dos recursos vegetais na área estudada bem como a importância dos mesmos para a comunidade.

Das 15 espécies que tiveram maior frequência de citação dez delas apresentaram maior valor de saliência. Essa pequena diferença, mas não menos importante, se dá por conta

do ordenamento e da seqüência em que as plantas foram citadas (*ranking*), assim as espécies que se mostraram mais salientes culturalmente estão entre as espécies que também são mais freqüentes.

Os dados apresentados mostram que a comunidade estudada conhece e depende estreitamente dos recursos vegetais para suas práticas médicas tradicionais, seja por questões culturais, econômicas ou pela dificuldade de acesso à medicina convencional. As espécies que apresentaram maior índice de saliência são, na grande maioria, espécies nativas, o que reforça a necessidade de maior atenção no desenvolvimento de programas de conservação da Caatinga. Os resultados aqui apresentados também podem ser utilizados como base para a bioprospecção; para estudos posteriores no desenvolvimento de fitomedicamentos, com a devida repartição de benefícios e consentimento prévio das comunidades, bem como instrumento para seleção de espécies prioritárias para estudos de ecologia de populações, visando o uso e manejo sustentável das mesmas. Os resultados dessa pesquisa também indicam que é de extrema importância que os conhecimentos tradicionais e práticas de cura dessas populações históricas, de quilombolas, sejam registrados e valorizados, mas, sobretudo que sejam considerados nas políticas públicas de saúde dirigidas a essas populações.

## Agradecimentos

Ao curso de Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia – Campus VIII, ao qual esse projeto está vinculado, ao Herbário e aos botânicos especialistas da UEFS, em particular ao Dr. Luciano Paganucci de Queiróz. À Dra. Vanusa Almeida pelas sugestões e correções ao texto. Ao Dr. Jomar Jardim, curador do Herbário da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela revisão dos nomes válidos das espécies bem como identificação de algumas. Às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa. À comunidade Casinhas pelo acolhimento, receptividade, colaboração e contribuição que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

## Referências bibliográficas

- Agra, M.F.; Baracho, G.S.; Basílio, I.J.D.; Nurit, K.; Coelho, V.P. & Barbosa, D.A. 2007 Sinopse da flora medicinal do Cariri paraibano. *Oecologia Brasiliensis* 11(3): 323-330.
- Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 16(3): 273-285.
- Albuquerque, U.P.; Araújo, T.A.S.; Ramos, M.A.; Nascimento, V.T.; Lucena, R.F.P.; Monteiro, J.M.; Alencar, N.L. & Araújo, E.L. 2009. How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semi-arid region of NE Brazil. *Biodiversity and Conservation* 18: 127-150.
- Albuquerque, U.P.; Medeiros, P.M.; Almeida, A.L.S.; Monteiro, J.M.; Neto, E.M.F.L.; Melo, J.G. & Santos, J.P. 2007. Medicinal plants of the Caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: A quantitative approach. *Journal of Ethnopharmacology* 114: 325-354.
- Albuquerque, U.P. 2005. *Introdução à Etnobotânica*. 2 ed. Rio de Janeiro, Interciência.
- Albuquerque, U.P. 2001. The use of medicinal plants by cultural descendants of African people in Brazil. *Acta Farmaceutica Bonaerense* 20(20): 139-144
- Alexiades, M. 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York, New York Botanical Garden.
- Almeira, C.F.C.B.R.; Amorim, E.L.C.; Albuquerque, U.P.; & Maia, M.B.S. 2006. Medicinal plants popularly used in Xingó region - a semi-arid location in Northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 2(15): 1-9.
- Almeida, C.F.C.B.R. & Albuquerque, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. *Interciência* 27(6): 276-285.
- Almeida, T.F. & Rodrigues, A.C.C. 2006. Etnobotânica das plantas medicinais de Madre de Deus, Bahia. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* 6(2): 133-137.
- Almeida, V.S. & Bandeira, F.P.S.F. 2010. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. *Rodriguesia* 61(2): 195-209.
- Amorozo M.C.M. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. Pp. 47-68. In: Di Stasi, L.S. (Ed.). *Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo, Ed. UNESP.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leveger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 16(2): 189-203.
- Anjos, R.S.A. 2000. *Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial*. 2. ed. Brasília, Mapas Editora & Consultorias.
- APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society* 161: 105-121.
- Bailey, K. 1994. *Methods of social research*. 4 ed. New York, The Free Press.
- Bernard, H.R. 1998. *Redearch methods in cultural anthropology*. 2 ed. USA, SAGE Publications.
- Borba, A.M. & Macedo, M. 2006. Plantas medicinais usadas para saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 20: 771-782.
- Borgatti, S.P. 1992. *ANTHROPAC 4.00 methods guide*. Columbia, Analytic Technologies.
- CEI. 1994. *Centro de estatística e informações-básicas dos municípios baianos: região nordeste* 11: 35-37.
- Franco, E.A.P. & Barros, R.E.M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais* 8(3): 78-88.
- Gomes, E.C.S.; Barbosa, J.; Vilar, F.C.R.; Peres, J.O.; Vilar, R.C.; Freire, J.L.O.; Lima, A.N.L. & Dias, T.J. 2008. Plantas da caatinga de uso terapêutico: Levantamento etnobotânico. *Engenharia Ambiental* 5(2): 74-85
- Gottlieb, S.L.; Borin, M.R.M.B.; Pagotto, C.L.A.C. & Zocher, D.H.T. 1998. Biodiversidade: o enfoque interdisciplinar brasileiro. *Ciência e Saúde Coletiva* 3(2): 97-102.
- Guimarães, I.M. 2009. O uso social das plantas: a prática da medicina popular no povoado Mussuca, comunidade quilombola em Laranjeiras (SE). In: *Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste*. Recife.
- Hanzaki, N.; Leitão-Filho, H. F. & Begossi, A. 1996. Uso de recursos na mata atlântica: o caso do Pontal do Almada (Ubatuba, Brasil). *Interciência* 21(6): 268-276.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2008 (29 de agosto de 2008). < [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008\\_DOU.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf)> (Acesso em 05/09/2008).
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2005. *Estação Ecológica Raso da Catarina*. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraUC/>>. (Acesso em 17/11/2005).
- MMA – Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos hídricos e da Amazônia Legal. 2002. *Avaliação e ações prioritárias para conservação da biodiversidade da Caatinga*. Brasília, Universidade Federal de Pernambuco, Conservation International do Brasil e Fundação Biodiversitas.
- Monteles, R. & Pinheiro, C.U.B. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 7(2): 38-48.
- Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G. & Coradin, L. 1989. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. Ilhéus, Centro de Pesquisa do Cacau.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. 2000. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* 10(1): 1191.

- PDRS - **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional**. 2000. Salvador, CAR (BA) - Nordeste da Bahia.
- Quinlan, M. 2005. Considerations for collecting freelists in the Field: Examples from ethnobotany. *Field Methods* 17(3): 1-16.
- Schmitt, A.; Turatti, M.C.M. & Carvalho, M.C.P. 2002. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente e Sociedade* 10: 129-136.
- Schultes, R.E. & Reis, S.V. 1995. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Pp. 19-39. 1. ed. Cambridge, Dioscorides Press.
- Silva-Almeida, M.F. & Amorozo, M.C.M. 1998. Medicina popular no Distrito de Ferraz, Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. *Brazilian Journal of Ecology* 2: 36-46.
- Simões, C.M.O.; Mentz, L.A.; Schenkel, E.P.; Irgang, B.E. & Stehmann, J.R. 1998. *Plantas medicinais populares no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre, Ed. Univers.
- Teixeira, S.A. & Melo, J.I.M.. 2006. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. *Iheringia, Série Botânica* 61(1-2): 5-11.
- Toledo, V.M. **Biodiversity and indigenous peoples**. Pp. 330-340. In: Levin, S.A. (Ed.). *Encyclopedia of Biodiversity*. San Diego, Academic Press.
- Vieira, F.J.; Santos, L.G.P; Araújo, J.L.L. & Barros, R.F.M. 2008. Quilombola of Macacos community, São Miguel do Tapuio City, Piauí State: History, use and conservation of plant resources. *Functional Ecosystems and Communities* 2: 81-87.
- Weller, S.C. & Romney, K.A. 1988. *Systematic data collection*. Newbury Park, CA: Sage.